

APRESENTAÇÃO

Em seu número 52, a *Itinerários - Revista de Literatura* apresenta um conjunto de reflexões, por meio de múltiplos aportes teóricos e críticos, para abordar a temática Literaturas pós-coloniais e formas do contemporâneo. O ponto de partida foi pensar sobre as maneiras em que, segundo Stuart Hall, o pós-colonial chama nossa atenção “para o fato de que a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais” porque sempre “esteve profundamente inscrita nelas — da mesma forma como se tornou indelevelmente inscrita nas culturas dos colonizados” (HALL, 2013, p.118). Inevitavelmente, isso traz consigo o descentramento das disciplinas e conceitos ocidentais e uma inscrição múltipla de processos históricos — aproximação que cede espaço a uma reescrita das grandes narrativas, em favor, como diz Homi K. Bhabha, “[d]o hibridismo cultural e histórico [...] como lugar paradigmático de partida” (1998, p. 46). Assim, como famosamente ressalta Gayatri Chakravorty Spivak (2010), os estudos pós-coloniais sempre têm procurado questionar não só a agência e a voz daqueles setores sociais ancorados nas periferias das grandes narrativas históricas, políticas e econômicas da modernidade, mas também a supremacia de certos paradigmas epistemológicos para interromper períodos históricos, geografias hegemônicas e dispositivos de poder. Aliás, como todo pensamento crítico sobre os tempos, as formas do contemporâneo também fazem parte do material que o olhar pós-colonial busca revisar e teorizar.

O número 52 da *Itinerários* tenta contribuir às problemáticas acima descritas com olhares localizados principalmente nos mundos coloniais e pós-coloniais das literaturas e culturas luso-falantes. Os artigos do dossiê dialogam entre si a partir de diferentes posicionamentos teóricos e temas que impulsionam o debate sobre questões centrais para os estudos pós-coloniais, como memória, identidades, modos de resistências, relações entre periferia e centro, relações entre raça, classe, gênero e orientação sexual. Entre os 36 artigos recebidos, destacam-se as contribuições internacionais, advindas de diferentes continentes.

O artigo “(Re)visão como forma de (re)existência em *Abeng* e *No telephone to heaven*, de Michelle Cliff”, de Juliana Pimenta Attie, discute, nos dois primeiros romances dessa escritora jamaicana, a trajetória de amadurecimento político da personagem Clare Savage, em articulação com questões teóricas do pós-colonialismo e decolonialismo

O artigo “De Negro Caribenho a Homem do Novo Mundo: o percurso identitário de Dany Laferrière”, de Christopher Rive Stvil, analisa o romance *Je suis Fatigué* (2005), do escritor haitiano Dany Laferrière. Nessa obra, o narrador-

personagem mobiliza uma ampla reflexão sobre o significado da palavra *Nègre* (Negro), que é polissêmica na língua francesa.

Em outra perspectiva, a literatura brasileira que fala a partir da margem ganha voz com o artigo “Autoficção no Brasil: rasuras do termo na produção crítica das contemporaneidades periféricas”. Nele, Igor Ximenes Graciano problematiza o conceito de “autoficção” e a criação de novos termos, como “escrevivência” e “literatura-terreiro”, para pensar a produção contemporânea de um “eu-dilacerado” que leva em consideração as distintas experiências de sujeitos sociais.

Em “Uma nova Alcácer Quibir: questionamentos do discurso imperialista em dois poemas de Manuel Alegre”, Rachel Hoffmann analisa “A batalha de Alcácer Quibir” e “As colunas partiam de madrugada”, de autoria do poeta português, buscando observar o uso da paródia e ironia em torno dos mitos que formam a identidade portuguesa por meio do pensamento de Linda Hutcheon.

Em seguida, a tensa relação entre Portugal e suas ex-colônias abre espaço para um dos mais sangrentos episódios da história de Angola após a sua independência, em 1974: a atuação de um tribunal militar especial que acabou popularmente conhecido pelo nome que dá título ao romance. Carlos Henrique Fonseca, demonstra em “*Comissão das lágrimas*, de António Lobo Antunes: vozes e (hiper) imagens contra “o silêncio do mundo” como as fotografias, entendidas também como hiperimagens, quase sempre construídas em um registro lírico, cumprem o papel de sínteses ou de índices da violência.

Daniel Vecchio, no artigo “A literatura de viagem como refiguração narrativa dos registros de viajantes do período colonial”, propõe reorganizar conceitualmente os estudos sobre viagens marítimas, atentando-se principalmente aos preceitos refigurativos fornecidos pelos estudos narratológicos de Paul Ricoeur. O autor parte do princípio que não existe uma proposta que se comprometa em trabalhar detalhadamente os registros de viagem do período colonial superando terminologias como “livros de viagem” ou “roteiros”.

“Eu não serei eu, eu serei nós”: a comunidade imaginada de Jacinta Passos”, artigo de Viviane Ramos de Freitas e Rubens da Cunha realiza uma leitura de poemas publicados nos livros *Momentos de poesia* (1942), *Canção de partida* (1945) e *Poemas políticos* (1951). A análise é pautada na perspectiva do “contemporâneo” de Agamben (2009), da noção de “comunidades imaginadas” de Anderson (2008) e nos estudos decoloniais. A utopia no horizonte da obra de Jacinta Passos revela o duplo gesto do escritor contemporâneo, referido por Agamben, de aderir a seu próprio tempo e, ao mesmo tempo, dele se distanciar para melhor conseguir vê-lo.

Na esteira do pensamento de Hutcheon, José Ricardo da Costa apresenta o artigo intitulado “Espelhos do mito em *Alma de África*: a metaficção pós-colonial na trilogia de Antonio Olinto” a fim de analisar a trilogia do escritor mineiro por meio da focalização da experiência feminina no processo de descolonização e redemocratização africana

Érica Antonia Caetano, em “A escrita como lápide em *A mulher de pés descalços* de Scholastique Mukasonga” propõe uma análise interpretativa da obra *La femme aux pieds*, publicada pela autora ruandesa em 2008 e lançada no Brasil em 2017. O intuito é pensar o papel da memória no romance tanto como denúncia quanto como instrumento de preservação.

Escrito a seis mãos, o artigo “*Makunaimã* no palco da literatura indígena contemporânea: autoria coletiva e resistência política 90 anos depois de *Macunaíma*” de Ana Clara Magalhães de Medeiros, Joel Vieira da Silva Filho e Luis André Pereira Gomes, reflete sobre o diálogo estético-político que a obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019) estabelece com a rapsódia *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), de Mário de Andrade. Os autores explicitam como é possível integrar *Makunaimã* no bojo das literaturas indígenas do Brasil atual e discutem porque é importante fazê-lo

No dossiê aparecem obras literárias que abordam a violência em diferentes contextos, a partir de uma abordagem pós-colonial. Em “Contemporaneidade urbana e violência endocolonial: reflexões em torno de *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo”, Lucas Fazzini propõe uma discussão em torno da natureza endocolonial da violência urbana, a partir de uma leitura do romance *Passageiro do fim do dia*. A violência configura-se aqui como elemento fulcral para investigar a organização espacial e geográfica das metrópoles contemporâneas.

“Fogo amigo: a linguagem como espaço de valor em *Americanah*, de Chimamanda Adichie”, de Charles Albuquerque Ponte e Larissa Lacerda de Sousa mobiliza a relação entre língua e poder no romance da escritora nigeriana, especialmente em sua constituição como valorização individual no espaço africano. O trabalho analisa passagens da obra ambientadas na Nigéria, comentando como a língua é, por si só, um espaço de conflito, de opressão e de resistência, que revela tensões, relações assimétricas socioculturais entre as personagens.

Mulato e negro representam o conflito racial no Haiti, enquanto o negro e branco representam os dois polos em luta contínua fora da ilha. Ainda pensando a construção da identidade caribenha, o artigo “Edgardo Rodríguez Juliá: ¿cuál identidad?”, de Cristina Gutiérrez Leal, analisa as implicações do período colonial em Porto Rico a partir da obra desse ensaísta e romancista. Duas de suas crônicas serão objeto de estudo neste artigo: “El entierro de cortijo” (1983) e “Puertorriqueños. Álbum de la sagrada familia puertorriqueña desde 1898” (1988). As reflexões de Gutiérrez Leal dialogam com o aporte teórico de Juan Duschetsne-Winter, Jacques Derrida e Pierre Bourdieu.

Na seção VÁRIA, Christina Ramalho e Éverton Jesus dos Santos abordam a permanência do olhar épico na poesia e no teatro de João Cabral de Melo Neto. Assim, o artigo “A presença épica na obra de João Cabral de Melo Neto” propõe analisar duas obras do autor pernambucano, *Morte e vida severina* (1955) e *Auto do frade* (1984) dando destaque ao plano histórico e maravilhoso em cada produção.

Marcelo Branquinho Massucatto Resende discute a literatura de autoria trans no contexto estadunidense em “Entre morsas, parasitas e humanos não-binários: pistas do Chthuluceno em ‘Large animals’ e ‘Together’, de Jess Arndt” atrelando essa discussão ao pensamento de Donna Haraway. Refletindo sobre o tempo presente e a pandemia de Sars-Cov2, Larissa da Silva Lisboa Souza problematiza em “Utopias em tempos de covid: as crônicas de Dina Salústio” a construção de um mundo possível sob o olhar da escritora cabo-verdiana Dina Salústio.

Por fim, o volume 52 da revista ainda apresenta duas resenhas sobre obra publicadas recentemente: a primeira dela tem por objeto o livro *As trilhas do torrão comum: um estudo comparativo entre Graciliano Ramos e Candido Portinari*, de Fábio de Oliveira, publicado pela Editora da Universidade Federal do Maranhão. A proposta do livro é fazer um estudo comparativo entre Graciliano e Portinari, evocando obras que parecem ter muita semelhança temática: de um lado, o romance *Vidas Secas*; de outro, a série “Retirantes”. Porém, a pretensão do texto é de superar a óbvia leitura temática em prol de uma “aproximação artística mais profunda” (OLIVEIRA, 2019, p. 14), capaz de cuidar da passagem das “relações analógicas imediatas” para as “equivalências homológicas” entre romance e pintura (GONÇALVES, 1997). A segunda resenha é sobre o áudio livro *Ingenuidade Inocência Ignorância* de Raquel Lima, sua primeira obra nesse formato no Brasil e em Portugal e que reúne a produção poética da autora do período de 2009 a 2019. São 24 poemas no livro e 11 deles performados em áudio. Publicado pelas editoras independentes Boca e Animal Sentimental, é o primeiro volume da coleção *Boca de Incêndio*, série que será dedicada à poesia falada.

Esperamos que essas contribuições ampliem o debate em torno da literatura.

Mónica González García
Natali Fabiana da Costa e Silva
Paulo César Andrade da Silva